

A COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA COMO MANEJO NO TRANSTORNO DE OPOSIÇÃO DESAFIANTE

Julia Rosa Dias, Rodney Querino Ferreira da Costa

Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Educação e Artes, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, rosadiasjulia.14@gmail.com, rodney.costa@univap.br.

Resumo

Este artigo teórico, baseado em uma revisão de literatura narrativa, investiga o impacto da Comunicação Não-Violenta (CNV) no manejo do Transtorno de Oposição Desafiante (TOD). Apresenta um panorama social sobre as neuro tipicidades contemporâneas e discute o TOD como um diagnóstico marcado por comportamentos desafiadores, como dificuldade em respeitar regras e tendência a culpar terceiros (DSM-V-TR). A CNV é descrita como uma ferramenta que aprimora a linguagem e promove uma comunicação mais empática e consciente, mesmo em contextos adversos. Defende-se que a CNV contribui para a redução dos sintomas do TOD ao fortalecer vínculos, ampliar percepções e desenvolver habilidades comunicativas. Com isso, diminuem-se os rompimentos causados por frustrações ou incompreensões, tornando a CNV uma estratégia relevante para promover relações mais saudáveis e oferecer suporte emocional ao sujeito com o transtorno.

Palavras-chave: CNV-Comunicação não-violenta.TOD- Transtorno de oposição desafiante. Normalidade. Manejo.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas - Psicologia

Introdução

Na atualidade, é tema de grande debate e investigação científica os comportamentos disruptivos das crianças. Discute-se até que ponto tais ações podem ser consideradas transtornos mentais ou reações ambientais. No campo da psicopatologia, o Transtorno de Oposição Desafiante (TOD) destaca-se entre as justificativas para esse fenômeno. O TOD pode ser definido como um comportamento frequente, nota-se dificuldade em respeitar regras e limites e busca culpar terceiros por suas atitudes. Adicionalmente, o transtorno implica em embates verbais frente a figuras de autoridade e possíveis confrontos físicos, com quaisquer terceiros que sejam identificados como oposição. Tendo em vista esse pano de fundo, pode-se reiterar a dificuldade em relação ao ambiente escolar, por exemplo, a frequência em sala de aula, socialização, realização de atividades pedagógicas e até mesmo relação com os adultos que circulam pelo local (American Psychiatric Association, 2023).

Referente à etiologia do transtorno, não há consenso. Ao mesmo tempo que se encontra evidências de alterações neuroquímicas e de funcionamento do cérebro do doente, há estudos que focam nos condicionantes ambientais. Por esse prisma, pode-se afirmar que a sociedade contemporânea tem uma cultura de violência e individualização. Esses são adicionados a globalização que informatiza relações e negligencia a socialização. Como Han (2017) descreve em seu livro “Sociedade do Cansaço”, esse aspecto é aderido por toda a comunidade neoliberal que se constrói nos dias atuais. Frente a esse entrave que não beneficia as relações, existem ainda neuro tipicidades que agravam essa habilidade de se relacionar em um meio típico. No caso do TOD essa inabilidade se demonstra de forma exacerbada, pois os indivíduos mostram-se inflexíveis a comunicar-se de forma adequada e mostram dificuldades em interpretar os contextos, como foi citado anteriormente.

Para esse Ketzer (2020), a visão de infância dentro da psiquiatria e até mesmo da sociedade, se revela um tanto preventiva, já que o mesmo analisa, que o monitoramento cuidadoso da primeira fase da vida está voltado a exterminar todos os comportamentos que sejam lidos como “futuros problemas sociais” com o objetivo de extinguir qualquer possibilidade de ascendência de criminalidade, marginalização ou até mesmo o desemprego. Para isso, ele analisa que a Psiquiatria é a ferramenta que subsidia essa orientação de que um comportamento desviante precisa ser erradicado, nesse caso através da medicalização desses indivíduos.

A COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA COMO MANEJO NO TRANSTORNO DE OPOSIÇÃO DESAFIANTE

A psicanálise se debruçou ao longo dos anos a estudar a agressividade e a oposição desafiante das crianças e considerou esses momentos essenciais na constituição do sujeito. O impulso de destruição da criança deve ser sustentado pelos adultos que a cercam, dando borda para os movimentos vigorosos dela, para que dessa forma ela possa aprender a amparar seus próprios sentimentos (Lucero; Souza; Cittadino, 2021). Subsidiando dessa forma uma compreensão total do sujeito e permitindo à criança a possibilidade de se transformar, oferecendo espaço seguro, em que a mesma não será julgada como um possível problema social, quando essa se expressa com violência ou oposição.

É nesse lugar que surge a comunicação não-violenta (CNV). Esta é uma ferramenta que refina habilidades de linguagem que objetivam se comunicar com mais humanidade, mesmo em condições adversas, propondo uma posição de reações mais conectadas com a concretude dos fatos e alinhadas com a percepção e desejos. Nesse momento a CNV se faz necessária, em conjunto com a ótica da psicanálise, como uma possibilidade de manejo, para melhorar o trabalho social e facilitaria a habilidade da linguagem para todos, além de auxiliar na inclusão (Rosenberg, 2006).

Desse modo, a retomada de ferramentas que ofereçam um destaque ao olhar direcionado a individualidade se faz necessária, uma vez que o DSM é uma ferramenta que apenas classifica, com ele não é possível ter expectativas de condução ou tão pouco é possível entender o funcionamento psíquico e as origens das manifestações que são categorizadas por ele. Essa necessidade de compreender o sujeito como singular e subjetivo é o que motiva a pesquisa presente.

Assim, o artigo objetiva discutir a importância da CNV no manejo da criança com TOD. Desse modo, busca-se com o presente texto propor uma possibilidade diferencial no lidar com essa população, buscando preencher o entrave das relações interpessoais que os mesmos enfrentam. Como resultado espera-se que seja possível uma maior inclusão e abrangência nas conexões pessoais frente às adversidades que se apresentam, tanto para a pessoa que interage com aquele que manifesta os sintomas do transtorno como aqueles que estão em seu entorno.

Metodologia

A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica. A partir desse desenho é possível relacionar os conteúdos e elaborar alternativas que validem uma hipótese. Além disso, articula temas que já estão consolidados no ambiente acadêmico, considerados os conceitos fundamentais. Para tanto, utilizou-se de artigos científicos e livros de referência na área para fundamentar a discussão. Por se tratar de uma revisão de literatura narrativa, a escolha das publicações foi arbitrária, não sendo seguido protocolos rígidos na busca dos trabalhos.

Resultados e Discussão

Os estudos revisados indicam que a violência e a agressividade podem incidir sob diferentes ópticas. Para a psicanálise, por exemplo, a agressividade faz parte da constituição de um sujeito saudável, enquanto que para a psiquiatria esse modo de agir pode ser considerado uma iniciação a uma futura criminalidade (Ketzer, 2020). Diante dessas adversidades sobrepõem um entrave categórico, que é a ascendência no debate sobre os diagnósticos clínicos de TOD. Esses questionam a classificação de comportamentos, que segundo Lucero, Souza e Cittadino (2021), muitas vezes, pode ser derivado de dificuldades familiares ou conflitos sociais.

O TOD, abriga um entrave relevante, em se tratando do quesito produções sociais, relacionamento interpessoal e comunicação pacífica, como expresso anteriormente. Essa inabilidade se demonstra de maneira bem clara, já que no DSM-V ela se coloca como a maior parte dos critérios que identificam e diferenciam os transtornos (American Psychiatric Association, 2023).

A Comunicação Não-Violenta (CNV), na prática, configura-se como uma intervenção comunicacional que promove mudanças nos comportamentos. Fundamenta-se em quatro pilares principais descritos por Rosenberg (2006): observação, sentimentos, necessidades e pedidos. A aplicação desses elementos permite ao indivíduo expressar demandas não atendidas de forma clara e respeitosa, favorecendo uma resolução de conflitos mais eficaz. Além disso, ao partir da observação objetiva dos

A COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA COMO MANEJO NO TRANSTORNO DE OPOSIÇÃO DESAFIANTE

fatos, a CNV desenvolve a habilidade de se aproximar da realidade tal como ela é, minimizando distorções causadas por percepções subjetivas e frequentemente enviesadas.

Nessa lógica fica evidente que a condução desse sujeito para um melhor funcionamento, deve incidir diretamente na queixa da comunicação já que está abre cadeia para os comportamentos agressivos ou para sofrimento. Por esse motivo a CNV se coloca de forma sublime, pois ela pode ser articulada em vários ambientes, por todas as pessoas, já que ela não apresenta limitações quanto a qualificação profissional em seu uso, por exemplo. Diferentes abordagens se colocam disponíveis para o manejo do transtorno, tanto para treinamento dos que cercam o indivíduo, quanto para o próprio. A medicalização/ uso de fármacos para a diminuição de comportamentos “inadequados” também se coloca como uma possibilidade de administração do sujeito com TOD (Costa et al., 2024).

Os treinamentos com a família assim como a CNV também visam maior interação e assertividade na comunicação entre os pares. Por esse motivo ela se diferencia das outras estratégias citadas, pois esta pode ser conduzida por qualquer sujeito que esteja disposto a se defrontar com as situações adversas de forma mais sincera e perceptiva, disponível para os vínculos e conexões que se colocam. Apesar disso, ela também pode ser usada por profissionais qualificados, que apenas se beneficiaram da sua utilização.

A Comunicação Não-Violenta (CNV), na prática, configura-se como uma intervenção comunicacional que promove mudanças nos comportamentos. Fundamenta-se em quatro pilares principais descritos por Rosenberg (2006): observação, sentimentos, necessidades e pedidos. A aplicação desses elementos permite ao indivíduo expressar demandas não atendidas de forma clara e respeitosa, favorecendo uma resolução de conflitos mais eficaz. Além disso, ao partir da observação objetiva dos fatos, a CNV desenvolve a habilidade de se aproximar da realidade tal como ela é, minimizando distorções causadas por percepções subjetivas e frequentemente enviesadas.

As pesquisas atuais ainda não demonstram um aprofundamento específico no uso da Comunicação Não-Violenta (CNV) como estratégia de manejo voltada ao Transtorno abordado neste. No entanto, é importante destacar que essa abordagem não se restringe apenas a indivíduos que apresentam dificuldades comunicacionais. A CNV configura-se como um método de comunicação universal, que pode beneficiar amplamente qualquer pessoa que a utilize, por promover interações baseadas na empatia, autenticidade e escuta ativa, conforme Moreira (2024)

Diante desta problemática ascendente, é necessário traçar metodologias que propiciem maior compreensão do sujeito e de seu contexto individual, a fim de promover para este uma possibilidade de amplitude linguística e maleabilidade nas interações sociais. Essa intenção corrobora diretamente com a ótica adotada até o momento, pois na psicanálise fica evidenciado que o sujeito é uma produção de seu contexto bio-psico-social, quando Ketzer (2020) coloca que, o sujeito está diante de um contexto social que marginaliza comportamentos de agressões infantis, quando o sujeito ainda está em constituição psíquica. Com essa pontuação o mesmo revela como a negligência desses sintomas acaba por mitigar a construção da borda psíquica dos sujeitos e dispara uma responsabilização do indivíduo sobre seu próprio sofrimento, que nesse caso é expresso pelas atitudes agressivas.

Conclusão

Esse estudo objetivou analisar a CNV como um manejo possível para o sujeito que apresenta TOD. A literatura sugere resultados favoráveis, pois oferecem habilidades a todos os sujeitos envolvidos, não só para aquele que apresenta os sintomas, além de somar na qualidade das interações relacionais.

Observou-se ainda que posicionamentos que coloquem o sujeito como um marginal, criminoso ou inadequado tendem a oferecer menos suporte ao indivíduo, culpabilizando-o pelas suas atitudes e retomando a estigmatização de que o mesmo não consegue se portar de maneira diferencial. Além disso, esse transtorno se sobrepõe a uma questão de bastante relevância, que é o relacionamento familiar, esse se demonstra também como um catalisador dos sintomas já que esse vínculo sendo problemático de alguma forma tende a não oferecer subsidio de comunicação ou até mesmo oferece como devolutiva aos comportamentos tidos como “inadequados” uma igualmente agressão.

A COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA COMO MANEJO NO TRANSTORNO DE OPOSIÇÃO DESAFIANTE

Por esse motivo a CNV se destaca nas possibilidades de condução, pois todos os que se relacionam podem usar essa metodologia para abarcar as dificuldades em lidar com os sujeitos que de alguma maneira se demonstram agressivos ou opositores.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2023.

COSTA, Thayna Peres; OLIVEIRA, Railene Alves de; SEMKIW, Michel Roberto Publitiz; ALVES, Stephanie Cassiano de Oliveira; GARCIA, Cecília Meyer Castilho; SOARES, Lana Régia Matias; MIRANDA, Larissa Abussafi; COELHO, Beatriz de Castro Carvalho; GALVÃO, Cristiana Horta. Estratégias de intervenção e tratamento para crianças e adolescentes com Transtorno Opositivo-Desafiador: uma revisão bibliográfica. **RECIMA21 – Revista Científica Multidisciplinar**, Jundiaí, v. 5, n. 7, p. e575408, jun. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.47820/recima21.v5i7.5408>. Acesso em: 29 ago. 2025.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. (Tradução de Enio Paulo Giachini). Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

KETZER, Estevan. O método de Michel Foucault e a linguagem da psicanálise. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 32, e189867, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32i189867>. Acesso em 13 de ago. 2025

LUCERO, Ariana; SOUZA, Isabela Maciel Cerqueira de; CITTADINO, Nathalia Sodré. A criança agressiva para além do Transtorno Opositor Desafiador (TOD). **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v.17, n. 1, 2021. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/61856>. Acesso em 19 de fev. 2025

MOREIRA, Alana Lacerda da Silva. *Promovendo a resiliência e a empatia: estratégias de intervenção para alunos com TOD da EMEIEF Minervina da Silva Araújo*. 2024. Disponível em <https://repositorio.ifes.edu.br/handle/123456789/6038>. Acesso em 08 de Out. 2025

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta**: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. 6. ed. São Paulo:  gora, 2006.